REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 815

20 DE AGOSTO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

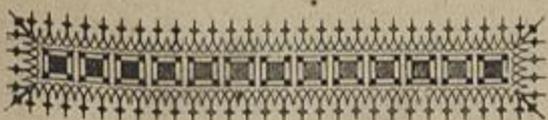
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

S. M. A IMPERATRIZ VICTORIA «FREDERICO»

FALLECIDA EM 5 DO CORRENTE

(Copia de uma photographia de Voigt)

CHRONICA OCCIDENTAL

Por mais voltas que se lhe dê, quando chegam estes mezes de horrivel calor, não ha assumpto que desperte a attenção, nem normando em jornaes que atraia as vistas.

Pode a policia deitar as unhas aos assassinos dos velhos do Barreiro e o sr. Hintze mandar publicar em longas columnas do *Diario do Governo* a reforma eleitoral, pôr-se em campo o nosso amigo Alfredo Gallis atraz dos facinoras, assignar milhões de circulares o sr. José Luciano, Lisboa dorme, o paiz dorme, e só acorda para dançar o *cotillon* nas thermas e praias.

Não ha fantasia, não ha raciocinio, não ha vontade, não ha faculdade alguma que resista a um sol de 40 graos, com uns bafos de leste, que parecem sahir da bôcca d'um forno.

Só o theatro da Avenida, que a sorte em mais d'um verão tem bafejado, resiste com o seu *Cabo da Caçarola*, a musica do Filippe e a graça do Cardoso e da Jesuina. Os outros fecharam todos e andam pelos tectos aranhas muito grandes a tecer teias, n'uns até setembro, n'outros até outubro.

Toiradas tambem poucas e quasi sempre más. A ultima que se realisou em Algés metteu meninas toureiras, um boi cego e muitas batatas generosamente atiradas pelos espectadores aos artistas, afóra os trambulhões do estylo n'essas funcções de curiosos.

Temos ainda a feira de Belem, e Lisboa não dá mais nada senão enchentes colossaes aos comboios todos os domingos e dias santos.

Dia de Assumpção, na só linha de Cascaes transitaram cincoenta mil passageiros. Foram tambem concorridissimas as linhas de Cintra e de cintura. Queluz e Bellas encheram-se de passeantes, avidos d'um bocadinho de sombra e de temperatura mais fresca. Todas as casas de pasto servidas pelos comboios, desde a estrada de Sacavem até Cabo Ruivo, viram vinho e comidas acabadas.

Outro motivo de concorrencia foi a abertura da caça, fazendo os negociantes optimo negocio com os caçadores, que, depois de muitas leguas debaixo d'este lindo sol que nos aquece, não conseguiram acertar n'uma cotovia. Santo Humberto nem a todos protege, o que não obsta a que o mais humilde matador de pardaes conte historias fantasticas de faro de cães e pontarias certeiras, capazes de fazerem enfiar o proprio Barão de Munchausen.

Recordou-nos agora aquelle lindissimo conto de Affonso Daudet, *Les émotions d'un perdreau rouge*, em que um perdigotosinho nos conta os terriveis sustos que passou no dia em que pela primeira vez ouviu no campo os tiros das espingardas. Mas guiava-o uma perdiz velha, conhecedora dos terrenos e dos homens, e o perdigoto escapou são e salvo. Ha um momento em que a perdiz se mette nas pernas d'um homem, todo elle verdadeiro arsenal, vestido a capricho, polainas, cinturão, pena de gallo no chapéo, muitas correias com apetrechos. Não tem duvida. Os que se vestem assim é tudo só por fóra, é só fazer figura. E aponta para um velhote que não tem cara de matar uma mosca: — D'aquelle é que é tremer.

Consta que a tremer andam os gatos agora, que já se póde vender lebre nos restaurantes.

E o caso é, segundo affirmam alguns felizes illudidos, que o gato, quando bem feito, é dos melhores acepipes.

Quando foi do cêrco de Paris em 1871, os gatos obtiveram um preço altissimo. Tudo se comeu, cães, ratos, cavallos e burros. O bife de mula foi considerado o melhor de todos. Nas provincias do norte de Hespanha come-se muito o burro pequeno, ainda de leite, que passa por um dos melhores pratos em jantares de gala. Hespanhoes e francezes dão grande apreço aos caracoes, que tantos se criam nas vinhas em Portugal e que tamanha repugnancia causam a muitos. Pois complicadamente á franceza, ou, muito simplesmente á hespanhola, cosidos com um ramo de oregos, são um prato magnifico.

Mas quem fala de coisas tão pobres, agora que as perdizes já cahem aos centos e ao abrigo da lei, as lebres já teem licença para fazer um excellente arroz e d'aqui a dois mezes vão dar entrada as gallinholas, dignas da mesa d'um principe?

E, quem tiver posses, ler uns capitulos do Brillat-Savarin ou, pelo menos, umas paginas do *Cosinheiro dos Cosinheiros*. Não ha melhor nem mais util litteratura. O grande philosopho, auctor da *Phisiologia do gosto* considerava muito mais quem inventava um novo prato do que qualquer poeta, compositor do melhor poema. A humanidade, segundo elle, devia muito mais ao cosinheiro.

Mas a grande difficuldade está em ser-se pobre e entretanto não andar sempre de venta arregalada e

em jejum quasi natural de coisas boas. Bom e simples eis a difficuldade, que os alemtejanos resolveram com a excellente assorda de coentros e um homem de genio com as *sandwichs* de agriões e esparregado de urtigas. E effectivamente é delicioso, quando não ha mais nada.

Quando não se escolhe caminho e por esse mundo de Christo se anda ao Deus-dará, é Deus quem muita vez inspira essas obras de genio, a sopa de labasoes, que crescem em todos os taludes, por exemplo, quasi tão bons como selgas.

Depois ainda ha a maneira de fazer as coisas, o ser-se artista. Julio Cesar Machado descobriu genialmente que para dar merito aos ovos mexidos não ha como batel-os com a manteiga fóra do lume, e Antonio Batalha Reis, outro benemerito, tirando o bacalhão de sobre as brazas e deitando-o immediatamente no azeite, descobriu o verdadeiro bacalhão assado.

E ora aqui está como n'uma estalagem da mais pobresinha aldeia do Alemtejo, se pode jantar melhor do que no hotel mais pretencioso, de cosinheiro gallego á franceza.

E agora ainda a comparação poderia ser mais desfavoravel, attendendo á gréve dos hortaliceiros, que tanto dá que falar em Lisboa e tem sido causa de longos artigos e reclamações.

Afinal parece que já tudo serenou e os nabos e as couves baixaram aos preços modestos, que fazem a felicidade da boa burgueza e do comilão do marido.

Lisboa assustou-se e havia de quê; mas o Campo de Sant'Anna arvorado em praça de venda, vai gosando do pittoresco privilegio, e, finalmente, os preços voltaram á antiga, com mais ou menos trabalho d'uns, maior ou menor reluctancia d'outros.

Deu isso para tres ou quatro dias n'este verão semsabor que vamos atravessando, e já não foi mão. Fundam agora os amadores de novidades e surprezas suas esperanças no crime do Barreiro. Mas já alguns jornaes da noite deixaram de falar nos novos descobrimentos da policia, o que prova, ou que o caso não dá o que se esperava, ou que o publico se foi pouco a pouco desinteressando do assumpto.

Assim foi, assim é, assim será. O que elle quer é novidades fresquinhas. A folhas tantas, se o romance se lhe interrompe, outro virá que o entretenha e não ha processos que o levem novamente para o entrecho já esquecido.

O proprio Dreyfus, que tanto deu que falar, quando Zola levantou violentamente a questão publicando seu primeiro pamphleto, encontrou já muita gente desinteressada, quando foi de seu segundo julgamento, quando exactamente o caso se tornou deveras, ou, para melhor dizer, muito mais interessante. Depois um telegramma ou outro: Dreyfus em Lourdes, Dreyfus escrevendo, e nada mais. D'aqui a meia duzia d'annos, Dreyfus, que commoveu o mundo inteiro, será para os nossos filhos um nome completamente ignorado.

Ha dois annos muitos tinham em casa um mappa do Transvaal, onde marcavam com alfinetes a posição dos inglezes e boers; pois a guerra ainda não acabou e talvez já alguns d'esses confundam Pretoria com Pekim e os boers com os philippinos.

Tout pass, tout cass, tout lasse. Esta escapou a Salomão no Livro de Sabedoria. Pois já devia de ser assim, e elle, que tantas mulheres teve, devia de sabel-o como ninguem.

João da Camara.

ESTUDOS ECONOMICOS

Alfandegas

(SECULO XII AO SECULO XVI)

I

Portugal constitue-se reino independente no seculo XII. Sob os primeiros reis a sociedade organisa-se, e ao passo que vai agricultando os logares desertos, accrescenta os germens de cada povoação, e constitue cada uma d'estas com o seu foral. O codigo wisigotico, e os concilios de Leão, Coyança (hoje Valença de D. João), e Ovetense governaram, é certo, os povos do esforçado D. Henrique, antes porém como tradição juridica do que como lei escripta. [1] Em breve essa tradição desappareceu; e como os povos, organisando-se em gremios, obedeciam a outras necessidades, o foral foi a lei vigente que veio dar corpo ás tendencias e ás aspirações do seculo. [2] Na edade-media o foral cria na peninsula differentes entidades politicas, ligadas sómente ao poder central pelo lado do imposto: imposto em dinheiro ou generos, em serviços ou sangue. Viviam os povos como que desmembrados, e só se encontravam no dia do combate contra os arabes.

¹ Memoria de J. C. N. e Carvalho ácerca da authoridade que teve entre nós o codigo wisigothico, nas Mem. da Acad. tom. 6.

² Já fizemos sentir esta verdade. Vejam-se os estudos publicados no OCCIDENTE de pag. 90 a 115 do presente vol.

De D. Affonso II em deante continúa o movimento foraleiro, e é debalde que o rei, escudado no direito romano, pretende estabelecer uma certa unidade politica. Durante toda esta elaboração da sociedade portugueza o commercio era fraco. Os monumentos, que nos restam dos primeiros seculos, dizem que a agricultura era o principal cuidado dos imperantes civis e dos povos. Em tempos rudes, em que não existiam as mil necessidades que alimentam as industrias modernas, e em que a principal occupação dos povos era a guerra, e guerra de morte, porque se firmava na crensa religiosa, era natural que se cuidasse principalmente da agricultura. Cada povo só podia contar com os recursos do solo que habitava: do extrangeiro só tinha o espolio das batalhas.

Florescia pois a agricultura, e, vista a contingencia dos tempos, sob a protecção das cidades, dos mosteiros e dos castellos. As relações commerciaes entre as povoações eram quasi nullas; não só porque as communicações eram difficeis, mas tambem porque no estado cahotico da sociedade, o poder e a ferocidade do rico-homem amedrontava a pacifica transacção dos burguezes. [1] Apezar da estreiteza d'essas relações já existiam todavia as alfandegas interiores. Quem ler com attenção os foraes vê que o seu fim principal foi organisar os impostos; ou, por outra, que os povos, sujeitos a grande arbitrariedade em materia de exacções, desejaram fixal-as pelo foral; ahi, depois de varios impostos, em que principalmente se taxa a compra e venda, não raras vezes se lança o imposto sobre os homens de *fóra parte*, ou, como diz a Ordenação Affonsina, de fóra de villa e termo. [2] As portagens, portaticos, passagens e outras costumagens eram já o começo das alfandegas interiores. [3] Não apparecem todavia em todos os foraes do seculo XII [4], o que nos prova que eram pouco estreitas as relações entre as villas e cidades, e a tal ponto, que o foral algumas vezes não falla n'ellas para lhes lançar o imposto. Existindo por tanto já esta instituição não é um facto generico; não existe em todas as villas. [5] Em muitos foraes taxam-se as vendas, o rendimento e os crimes; estabelecem-se os foros e os serviços, etc., mas não se falla em portagens, *nem da dizima das cousas que vem á cidade por terra ou agua.*

A contar do seculo XIII os foraes são uma verdadeira pauta de impostos indirectos, principalmente sobre os homens de fóra parte. [6] D'esta epocha em deante, principiando os imperantes civis a adoptar as tradições bysantinas, principia a constituir-se uma tal ou qual centralisação. O que melhor se vê das inquirições geraes, feitas em todo o reino ácerca das doações regias. Esta centralisação e a necessidade de recursos para sustentar a guerra levam os reis de Portugal a crear grande numero de impostos indirectos. Os nobres não concorriam para essas despezas, antes recebiam pingues doações: d'ahi a necessidade de sobrecarregar o concelho. [7]

Este systema continúa em toda a edade-media, e as alfandegas interiores, robustecidas e aperfeiçoados no tempo do poder absoluto, ainda se encontram em 1820. O foral dado a Coimbra pelo conde D. Henrique, reformado por Fernão de Pina no governo de D. Manuel, era lei vigente ainda nos tempos modernos! [1] Quando falla da portagem por cargas, amplia as suas disposições a todo o reino, e ahi determina... «que a pessoa que houver de pagar a dicta portagem, *seja de fóra da cidade e termo, e traga ahi de fóra do dicto termo cousas para vender, ou as compre no tal logar*, onde assim não for vizinho, e morador, e as tire para fóra do dicto termo, tirando algumas, que particularmente atraz n'este foral ficam logo declaradas, de que os vizinhos paguem portagem por ser assim justo pelo dicto foral.»

Deixando agora o livro das leis e posturas ou das leis antigas, as Ordenações de D. Duarte, e as leis geraes que foram juntas aos cadernos de alguns concelhos, [2] para só consultar a este respeito as Ordenações Affonsinas, codigo em que na verdade se acha toda a legislação anterior ácerca d'esta materia, podemos affirmar que ácerca das alfandegas interiores conserva de pé as mesmas disposições do foral. Da portagem sómente são excluidos os vizinhos e os clerigos. [3] Os judeus porém e os mouros, ainda que morassem longamente em alguma villa, não eram isentos da portagem. [4] Assim aquelles que mais deviam ser protegidos, porque a sua actividade influiria poderosamente no commercio, esses eram principalmente sobrecarregados, porque contra elles militava o antagonismo religioso.

Emquanto ao commercio externo, é elle quasi nullo antes de Affonso III; existia já então em Portugal marinha militar, pois que, apenas constituido o reino, sahiram d'elle frotas de guerra a desafiar as galés mouriscas do estreito; [5] e as conquistas no Algarve, ainda que auxiliadas pelas cruzadas, foram principalmente devidas á marinha portugueza. Mas a marinha mercante só apparece mais tarde, quando Portugal, já conhecido como nacionalidade forte, obrigou com o respeito do seu nome a respeitar o seu pavilhão. [6]

Com D. Affonso III toma o commercio externo verdadeiro incremento. Assistindo ao movimento commercial de Flandres, este rei, que além de ser grande ambicioso era grande politico, devia desejar para o reino que administrava as vantagens d'um paiz commerciante. Durante o seu governo, fundam-se em Portugal varios municipios, e nas cartas d'esses gremios populares o rei trata de animar o commercio, concedendo o foro de cavalleiro aos negociantes de grosso tracto e armadores de navios. [7]

O nosso povo, então na adolescencia, e vigorado pelos colonos allemães, francos, e saxonios que tinham vindo estabelecer-se na peninsula, facilmente obedeceu ao impulso intelligente da realeza. Esse impulso encontrou echo lá fóra Os reis portuguezes estavam alliados pelo casamento com as filhas dos monarchas extrangeiros. Assim, a lei de 26 de dezembro de 1253, tentando evitar o augmento dos preços, em virtude da nova fundição da moeda, quando regula os salarios e as vendas das mercadorias, já falla nos tecidos provenientes de varias cidades de Flandres, da França, da Inglaterra, e bem assim de Castella. [8] O movimento commercial continua depois. D. Diniz fundou varias feiras e mercados publicos; com o intento de animar a navegação mandou vir da Italia o almirante Pessanha, e restaurou varios logares do litoral, taes como Silves, Tavira, Faro, Vianna na foz do Lima, Villa Nova de Cerveira, Caminha e outros [9] Em 1290 já os portuguezes tinham feitorias nos reinos extrangeiros. [10]

¹ Póde ver-se a lei de 1211, em que D. Affonso II defende *que nenhum não corte vinhas nem queime casas Leges et consuetudines*, pag. 166; e egualmente a Ord. Aff., liv. 2, tit. 60 — *Das malfeitorias*... etc.

² Da Ord. Aff., liv. 2, tit. 21, § 1.º, se vê que, alem do rei, havia outros senhorios que recebiam portagens, passagens, e custumagens.

³ Os direitos de portagem pagavam-se, tanto pela entrada, como pela sahida das mercadorias. A. Herculano, *Historia de Portugal*, vol. IV, pag. 422.

⁴ Entre os foraes do seculo XII podemos citar o de Panoias, onde se lê — *Homines que venerint de fora parte dent portagine*. Depois d'uma lista dos objectos que pagam os homens de fóra parte, diz — *Et pro nullo habere que venditus fuerit pro minus de XII denarius non dent portaticum Leges et consuetudines*, pag. 352. O primeiro foral de Coimbra do conde D. Henrique concede como privilegio aos de Coimbra — *Non detis portaticum vel alcavalam aut cibariam custodibus civitatis vel porte*. Signal evidente de que os de fora pagavam essas portagens. Póde tambem ver-se o foral de Santarem de 1179.

⁵ No seculo XII os foraes das principaes cidades e villas é que fallam das portagens e impostos sobre os homens de fóra parte. Vide os foraes de Santarem, Coimbra, Lisboa, Abrantes, Covilhã.

⁶ O foral de Benavente depois de lançar portagem sobre o troxel (carga segundo Sancta Roza de Viterbo) de cavallo, sobre os pannos, lãs, linhos, pescados, bois, carneiros, etc., accrescenta — *Iste portagem est de hominibus foris ville. Leges et consuetudines*, p. 512. Egualmente se encontra identica disposição no de Cezimbra de 1201, porque depois de lançar portagem sobre muitas mais mercadorias accrescenta — *Istud portagium debent dare illi qui non fuerint de sizimbria*. O foral de Alpedrinha de 1202 diz tambem — *moratores de alpreada non dent portagem*. O mesmo determina o foral de Monte-mór o Novo, de Teixeira e Souto Rodrigo, de Pinhel e muitos outros do seculo XIII. *Leges et consuetudines*, pp. 526 e 534.

⁷ Vide o que dissemos a este respeito no *Instituto*, vol. XIV, p. 170.

¹ O *Jornal de Coimbra* de 1820, n.º 87, p. 76, publicando o antigo foral de Coimbra dado por D. Affonso Henriques e reformado por D. Manuel, entre as razões que allega d'essa publicação menciona a seguinte: — «Alem d'isto: sendo o *foral lei*, e não podendo aproveitar-se do da camara, porque se deve conservar no seu archivo; e importando bastante dinheiro a copia do da Torre do Tombo; tudo juncto nos decidiu a tomar este trabalho, bem persuadidos da sua utilidade: por quanto, havendo facilidade em ser lido menos occasião ha de practicarem os rendeiros abusos, prevaricações e vexames.»

² Estes documentos podem vêr-se nos *Monumentos historicos de Portugal*, da Academia

³ Ord. Aff. liv. 2, tit. 21; Ord. Aff. liv. 2, tit. 30; Ord. Aff. liv. 1, tit. 3, § 9; Ord. Aff. liv. 1, tit. 27, § 9

⁴ Ord. Aff. liv. 2, tit. 69, e a Ord. Aff. liv. 2, tit. 108.

⁵ C. R. Acenheiro, *Cron. dos S. R. de Portugal* (Ineditos da *Historia port.*, collec. da Acad.).

⁶ As invasões dos sarracenos pelas costas de Portugal e Galliza impediam qualquer navegação costeira. A. Herculano, *Historia de Portugal*, vol. I, pag. 249.

⁷ Foral de Vianna, obtido em 1258 e confirmado em 1262.

⁸ L. de 26 de dezembro de 1253. Vide *Diss. Chron.*, de J. P. Ribeiro, app. n.º 21, pag. 59, Rebello da Silva, *Historia de Portugal*, t. IV, pag. 504. A. Herculano, *Historia de Portugal*, t. III, liv. IV.

⁹ Rebello da Silva, *Historia*, t. IV, pag. 504.

¹⁰ Por carta de 1290, Philippe o Bello concedeu privilegios, e fez concessões aos mercadores portuguezes estabelecidos em Honfleur. Em Ruão eram tantos, que tinham na cidade um bairro e uma egreja. Nos fins do seculo XIII, mas ainda em tempos d'el-rei D. Diniz (1293) tinham os mercadores portuguezes fundado em

No seculo XIV estreitam-se as relações de commercio com os reinos principaes da Europa; e já então os portuguezes, impellidos pelo seu caracter celta e aventureiro, incetam o periodo das emprezas maritimas, com a descoberta das ilhas Canarias. Garantir essas relações de commercio internacional era uma necessidade; assim Affonso IV celebra com Eduardo III de Inglaterra o tratado de 20 de outubro de 1353, destinado a durar 50 annos; e em que se estabelece o modo de decidir varias questões a respeito do commercio maritimo. Celebrado em nome dos mercadores e communidades das cidades e villas maritimas de Portugal, mostra este diploma qual o incremento que já tinha o commercio; e o artigo 8, auctorisando os portuguezes a pescar no canal da Mancha, evidenceia nos, além d'isso, qual já então o arrojo dos nossos pescadores, que se aventuravam aos mares britannicos. [1] Uma carta de D. Pedro I dá como estabelecidos em Lisboa mercadores genovezes, escocezes e milanezes. Dos negociantes inglezes falla uma carta de lei de D. Fernando de 29 de outubro de 1367, e das prosperidades commerciaes do começo d'este reinado, mais de espaço, na sua prosa sincera, Fernão Lopes, este Froissart da nossa historia. O que tudo e confirmado por Faria e Sousa. [2]

Com o crescimento do commercio internacional apparecem as alfandegas exteriores: não para proteger industrias, que quasi não existiam, mas para accudir por meio do imposto ás despezas do Estado. As leis do seculo XIII e XIV revelam não só a existencia das alfandegas maritimas e dos portos seccos, mas ainda quaes os principios que as dominavam. Vigorando já n'estes seculos o systema mercantil, que considerava um paiz tanto mais rico, quanto maior era a quantidade de numerario que possuia, [3] este systema influiu na legislação, que regulava o commercio externo. A lei de 26 de dezembro de 1253 prohibe as importações, a que não correspondesse uma exportação equivalente em valores. Assim, para que os metaes preciosos ficassem no reino, obrigava essa lei aos mercadores a empregarem o producto da venda em generos nacionaes. [4] Tal disposição ainda vigorava em tempos de D. Fernando. Fernão Lopes diz que no reinado d'este rei, — *os retornos* consistiam em partidas avultadas de vinhos, de azeite, de sal, de peixe salgado, de fructas verdes e seccas. D'este regimen nasceram os preceitos restrictivos chamados *alealdamentos*; em conformidade com elles tinham os negociantes extrangeiros de manifestar os generos importados, e os retornos em fazendas nacionaes, não faltando os varejos e balanços aos mercadores portuguezes. O intento do fisco era atalhar a contrabandos e fraudes, conferindo as existencias e as vendas com as entradas registadas nos livros das alfandegas maritimas. [5] Ascendiam a 10 por cento os direitos de entrada que recahiam indistinctamente sobre o valor das mercadorias; crescia porém depois esse onus, porque as pautas dos concelhos gravavam o commercio de retalho, e as localidades taxavam o transito. [6]

II

O movimento do commercio portuguez na edade-media, diminuto em comparação com o movimento hodierno, era grande para a epocha, e vistas as circumstancias dos tempos, de sobejo prova a vigorosa adolescencia da nossa gente. Era então mais do que ousada, porque os mares eram infestados de corsarios, e o interior eivado de despotismos, a que nem sempre podia chegar a voz do rei, fazendo-se sentir na lei geral. Não nos deixemos porém illudir com o que dizem os chronistas. As leis dos seculos XII, XIII e XIV, se nos indicam já certo movimento commercial, mostram principalmente os desejos, que tinham os imperantes civis, de modificar até certo ponto o estado anarchico da sociedade, para que podessem desenvolver-se as transacções. Infelizmente esses desejos nem sempre podiam realisar se; as *portagens*, *açougagens*, *passagens*, e outros impostos indirectos, taes como as *ochavas*, e a *relegagem*, [1] incidindo sobre esse tal ou qual movimento mercantil da epocha, embaraçavam as permutações, e augmentavam o preço dos objectos de consumo. Era grande o vexame d'essas contribuições, porque, faltando-lhes base fixa, inconveniente que já hoje se lhes nota, demandavam grande numero de agentes fiscaes. Ao mal do immenso numero de empregados accrescia o mal das arrematações de que se usava. O arrematante, pagando certa renda, levado pelo interesse proprio, era ainda mais vexatorio do que o empregado do fisco. Além dos impostos mencionados, accresciam ainda em dinheiro, em generos e em serviços, outros que, sendo pagos directamente pelos gremios ao estado, peoravam as circumstancias dos povos. Esses impostos eram os fossados, anuduvas, jugadas, tributos sobre a criminalidade, colheitas, montados, direito de caça, e o quinto dos despojos da guerra. [2] D'este modo a industria agricola, que fornece as materias primas, a fabril que as accommoda ás necessidades individuaes, e a commercial, que põe os productos ao alcance do consumidor, todas na edade-media eram tributadas, e sem alguma base ou systema fixo: assim não admira, a pezar das leis que prohibiam a sahida do pão e gados para fóra do reino, que as fomes se repetissem, e que já no tempo de D. Fernando a agricultura estivesse deserta e abandonada. [3] Por outro lado taxavam os conselhos; e as leis geraes os generos e obras [4], e obrigavam todos os mesteiraes a usar sómente dos seus mesteres, dando mantimento em abundancia, e sem exorbitar as vereações e posturas do concelho [5]. Era de uso no velho regimen augmentar os recursos do estado, pela fundição das moedas, substituindo d'este modo as antigas por outras de menor valor, mas d'um preço mais elevado, cousa ultamente nociva ao commercio, logo que se taxavam as mercadorias; assim comprehende-se facilmente que aquelles males deviam ainda ser aggravados. As miserias da nação, resultantes de tal systema economico, bem as fizeram conhecer os procuradores dos concelhos, nas côrtes de Elvas de 1361; e ahi se declarou que os officiaes das alfandegas abusavam dos cargos, despachando ás portas fechadas, com o intento de matarem toda a concorrencia, ficando com as fazendas por preços vis. A tudo o que vai dicto accresciam outras circumstancias devidas ao atrazo e rudeza do tempo. Faltavam caes para embarque e desembarque. Em muitos sitios não havia barcos de passagem. Faltavam para as cargas os muares apenados para o serviço dos poderosos. Eram caros os fretes, já nos barcos já nos navios, e cruel a agiotagem dos judeus, acremente censurada pelos povos [6]. No seculo XIV não eram de estreiteza os haveres do rei, mas difficeis as circumstancias do paiz [7].

Não devemos porém esquecer:

Duas causas concorreram na edade media para attenuar de certo modo os soffrimentos dos povos: a primeira foi a organisação politica da nossa sociedade; a segunda foi a falta de systema nos erros economicos. A organisação politica, — porque os municipios espalhados por toda a extensão do territorio portuguez tinham uma autonomia propria e no meio do estado cahotico da sociedade, era facil opporem-se a cada um dos elementos sociaes, nobreza ou rei, e lutar com elles; esta força era a garantia de seus direitos. Como ainda qualquer d'aquelles elementos não tinha obtido o predominio, era facil ao municipio, regulando-se a si proprio, conseguir o respeito da sua lei. Ligados esses gremios ao poder central pelo lado do imposto, a sua importancia politica, muitas vezes fazia caducar a disposição vexatoria, que cahia em desuso, porque o rei necessitava do auxilio da communidade burgueza. Por outro lado, na edade-media as instituições são locaes. O direito não se entende unico e absolucto por sobre a sociedade. Se uns conselhos tinham nos foraes identicas disposições, outros abraçavam-se aos seus privilegios, e necessitavam d'elles para a sua existencia. Assim o imposto indirecto recahia sobre uns lugares, abandonava outros completamente, e com a debil fiscalisação d'esses tempos era facil o que hoje se chama contrabando, o qual, illudindo a lei, favorecia os povos. Esta descentralisação e as circumstancias da epocha foram portanto um palliativo, que de certo modo attenuava o vexame das leis fiscaes. Alem d'isso, sem algum conhecimento das leis economicas, mas attentos ás desgraças publicas, os reis, se por um lado punham obstaculos ao commercio, por outro tractavam, como vimos, de o favorecer por todos os meios ao seu alcance. D'esta contradicção de duas forças emanava uma resultante, que minorava os soffrimentos dos povos. Assim não raras vezes se encontra o rei, emprestando do seu bolço para armar navios [1]; estabelecendo feiras francas para animar as transações [2]; concedendo nos foraes privilegios aos mercadores [3]; castigando os exactores quando abusavam [4]; mobilisando a propriedade, por leis de desamortisação [5]; celebrando contractos com os soberanos extrangeiros para garantir o commercio maritimo [6]; castigando os nobres quando attentavam contra a propriedade [7]. Emfim determinando que se não levasse a terça parte das cousas, que se vendiam para comer [8]. Depende o commercio essencialmente da liberdade, e por tanto estas medidas eram só palliativos. E' certo, porém, que no estado excepcional das sociedades de então Portugal foi talvez durante a edade-media o povo que menos soffreu, graças á intelligencia e vontade esclarecida dos reis da primeira dynastia.

(Continúa) *Conde de Valenças.*

AS NOSSAS GRAVURAS

A IMPERATRIZ VICTORIA «FREDERICO»

No castello de Friedrichshof perto de Kromberg, no Taunus, falleceu no dia 5 de agosto corrente, pelas 6 horas e 15 minutos da tarde, a imperatriz Victoria, mãe de Guilherme II, a qual durante quatorze semanas partilhou o throno allemão com o mallogrado imperador Frederico III, moribundo, e a quem vulgarmente se designava pela imperatriz «Frederico», para assim a distinguir melhor da imperatriz reinante Augusta Victoria e ainda em homenagem instinctiva á esposa irreprehensivel, á companheira dedicadissima que sempre se revelou.

A imperatriz Victoria Adelaide Maria Luiza era princeza real da Grã-Bretanha e Irlanda, duqueza de Saxe, e nascera em 21 de novembro de 1840, sendo a filha mais velha da fallecida rainha Victoria.

O seu casamento teve logar em Londres a 25 de janeiro de 1858 com Frederico Guilherme, principe da Prussia, que desde 9 de março de 1888 foi imperador da Allemanha e rei da Prussia. Em 15 de junho de 1888 enviuvara, tendo-se mostrado enfermeira carinhosa durante a longa doença de seu marido.

Flandres uma bolsa de 100 marcos de prata «a fim de acudir ás despezas suscitadas pelos pleitos, embargos, apresamentos, e outros embaraços, com que naquella epocha o tracto mercantil luctava quotidianamente». Rebello da Silva, *Historia de Portugal*, t. IV, pag. 590. Esta instituição foi renovada em 1337 por D. Fernando.

[1] Pardessus, *Collection des Lois Maritimes anterieures au XVIII siècle*, Paris, 1828-1838, 5 vol.

[2] Fernão Lopes, *Chronica de D. João I. Epitome*. part. IV, cap. 7

[3] Idéas professadas claramente pela Ord. Aff., liv. 5, tit. 47, que manda guardar duas leis, uma de D. Affonso IV o *bravo*, e outra de D. João I. A primeira é a resposta a um artigo proposto em côrtes de Santarem.

[4] *Mando et deffendo quod nullius mercator de extra regnum sequet merchandiam de regnus, nisi duxerit alium pro illa.* L. de 26 de dezembro de 1253.

[5] Rebello da Silva, *Historia de Portugal*, vol. IV, pag. 507.

[6] É impossivel dizer hoje, por falta de documentos, que direitos recahiam sobre a exportação. As Ordenações Affonsinas, considerando como direitos reaes — «os portos de mar, onde os navios costumam de ancorar; e as rendas e direitos, que *dantigamente* costumam de pagar as mercadorias que a elles são trazidas,» — não nos diz que direitos eram esses, ainda que pela palavra *dantigamente* se conheça que sanciona um uso já ha muito estabelecido. Entendemos que eram 10 por cento do valor das mercadorias, não só porque isto parece deduzir-se do que diz Fernão Lopes na chronica de D. Fernando, mas porque no seculo XV, ampliado o systema dos seculos precedentes, é esse o imposto que frequentes vezes recahe sobre a exportação. Vide a Ord. Aff., liv. 2.º, tit. 57. É certo que os direitos reaes abrangiam os impostos sobre a importação e exportação. Ord. Aff., liv. 2.º, tit. 24, §§ 6 e 7. Direitos de que eram isentos aquelles a que acontecesse algum perigo no mar. Ord. Aff., liv. 2.º, tit. 32; disposição esta que já estava em vigor no tempo de Affonso II. Vide *Portugalliae monumenta Hist.*

[1] Do relego já falla o foral de Santarem (1179) quando diz — Quem relego de el-rei romper e no relego seu vinho vender... etc. O foral de Lisboa tambem fala do relego de el-rei, e mais tarde este privilegio foi tambem estabelecido a favor da cidade de Lisboa e seu termo pela lei de 26 de outubro de 1765, § 26, em que se determinava — que nos tres mezes de janeiro, fevereiro e março de cada anno se não possam nellas (freguezias de Lisboa) vender vinhos de fóra, se tanto for necessario para o consumo dos vinhos, que os lavradores d'ellas colherem dentro nos seus respectivos districtos. Vid. Ord., Manuel, liv. 2, tit. 34.

[2] A explicação de cada um d'estes impostos póde ver-se na *Historia de Portugal*, de A. Herculano, vol. IV, de p. 401 em deante.

[3] Vide a lei das Sesmarias na Ord. Aff., liv. 4, tit. 81.

[4] Já no tempo de Affonso III tinham sido taxados os objectos de consumo, as materias primas, e os productos manufacturados. *Diss. chr.* de J. P. Ribeiro, app. n.º 21, p. 59.

[5] Ord. Aff., liv. 1.º, tit. 28, § 3.

[6] Visconde de Santarem. *Documentos para servirem de Provas ás Memorias para a Historia e Theoria das Côrtes Geraes*, p. 3-56, *apud* R. da Silva.

[7] D. Fernando achou depositadas por seu pae na Torre do Haver do Castello de Lisboa 100 mil peças de oiro e 400 mil marcos de prata, além das moedas e mais sommas guardadas em outros logares do reino. Vide Fernão Lopes, *Chr. do S. R. D. Fernando*.

[1] Fernão Lopes. *Chr. do S. R. D. Fernando*, t. IV, p. 123.

[2] Schoefer, *Historia de Portugal*, liv. I, cap. VII

[3] Vide os foraes do seculo XIII, e principalmente o *Foral de Vianna*.

[4] Foral de Coimbra.

[5] Leis de desamortisação dos bens das corporações ecclesiasticas, de D. Diniz. Ord. Aff., liv. 2, tit. 14 e 15

[6] Em toda a edade media foi esse o principal cuidado dos reis. Vide a *Historia de Portugal* de Rebello da Silva, vol. IV, cap. III.

[7] Vide a lei de 1211 de Affonso II, e as leis de D. Diniz e D. Fernando, nas Ordenações Aff., liv. 2, tit. 50-52

[8] Lei de D. Affonso II na Ord. Aff., liv. 2, tit. 31, § 1.

Todos se lembram decerto da enorme lucta politica que ella teve com Bismarck por essa occasião, lucta que foi desde a escolha do medico assistente até á abdicação de Frederico. Sahiu vencedora, mas o «chanceller de ferro» conservou-lhe sempre um odio feroz.

Do seu casamento com Frederico III nasceram cinco filhos: Frederico Guilherme Victor Alberto, actual imperador, que nasceu em Berlim a 27 de janeiro de 1859, e cujo retrato se pode ver a paginas 49 do presente volume; Victoria Isabel Carlota; Alberto Guilherme Henrique; Sophia Dorothea Urica Alice, casada com o principe herdeiro da Grecia; e Margarida Beatriz Fedora.

A imperatriz falleceu no meio de todos seus filhos, com excepção do principe Henrique da Prussia.

O PRINCIPE HENRIQUE DE ORLEANS

A morte do principe Henrique de Orleans succedida a 9 do corrente, se não foi uma surpreza pela doença que o minava, causou comtudo dolorosa impressão, pois que se tratava de um moço extremamente sympathico, valente, e muito illustrado.

O principe Henrique de Orleans era o filho, mais velho do duque de Chartres, e portanto primo direito de sua magestade a rainha sr.ª D. Amelia.

Em 1 de março ultimo partira de Marselha o principe, afim de fazer uma viagem de estudo pelo Annan e Tonkin. Nos principios de junho foi accommettido em Na-Trang, fronteira do Annam, dos primeiros symptomas do mal. O amigo que o acompanhava conduziu-o logo ao sanatorio de Dalat, pensando que se tratava de febres palustres e que um pequeno repouso o melhoraria. Porém o estado do doente aggravou-se, tendo que ser levado para Saigon, capital das possessões francezas na Cochinchina, e ahi os medicos verificaram que elle tinha um abcesso no figado. Em seguida a umas melhoras ficticias veiu a recahida e com ella a morte do joven explorador, que fizera tantas outras viagens interessantes.

O PRINCIPE HENRIQUE DE ORLEANS

FALLECIDO EM 9 DO CORRENTE

Foi a primeira d'ellas em 1889 atravez a Siberia, o Thibet e o Tonkin; e em 1892, pela Abyssinia até Harrar, viagem que repetiu pouco tempo depois.

O principe nascera em 16 de outubro de 1867, contando portanto 33 annos de edade.

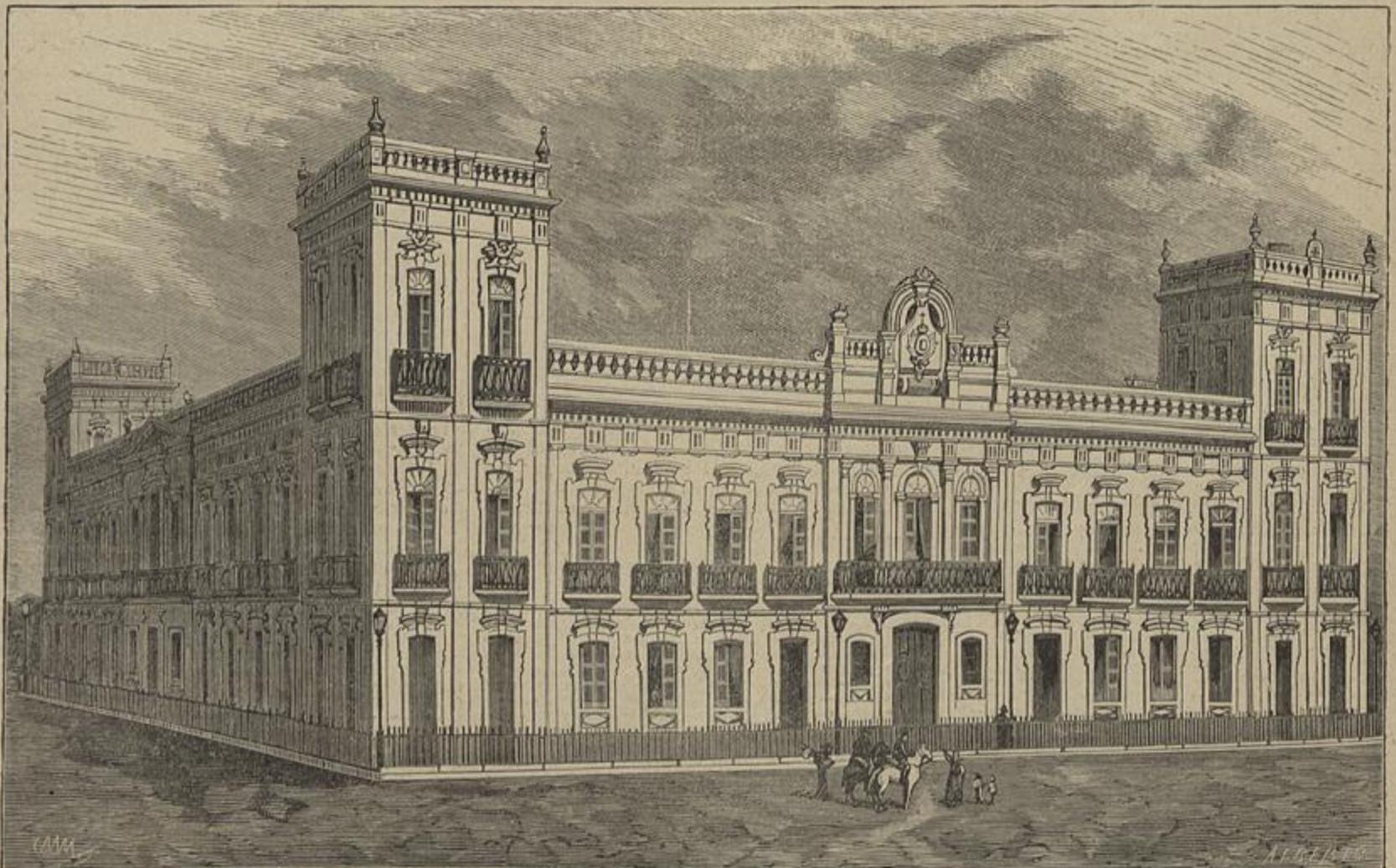
Dedicando-se, como o provam as suas viagens, a explorações scientificas, os trabalhos do moço principe mereceram o melhor acolhimento nos principaes centros de estudo, não hesitando até o governo francez em agracial-o com a Legião de Honra.

O PALACIO DA BREJOEIRA

Esta sumptuosa vivenda, conhecida pelo palacio do morgado da Brejoeira, é uma magnifica residencia, de magestosa construcção, que se ergue a uns tres kilometros da villa de Monsão e em distancia egual da margem esquerda do rio Minho.

Tendo fallecido em 1881 o ultimo representante do morgadio, coube o palacio em herança as familias Caldas e Palmeirim, d'esta capital, e ainda no sabbado ultimo, 17 do corrente, foi o palacio posto em hasta publica no Porto, sendo retirado da praça por a licitação não passar além de dezeseis contos, quando elle não custou menos de quatrocentos. E n'esta avaliação da despeza convem attender á modicidade dos jornaes dos operarios, que n'aquella região regulavam por um terço dos de Lisboa, o baixo preço dos materiaes de construcção, e a facilidade com que se trabalha a pedra de que é construido o bello palacio, uma especie de granito fino.

Foi lançada a primeira pedra em 1806 e a ultima em 1834. Levou portanto vinte e oito annos de trabalhos nunca interrompidos a edificação mandada fazer pelo commendador Luiz Pereira Velho de Moscoso. O morgadio da Brejoeira data do principio do seculo XVI, pois foi instituido em 1500, e este palacio destinou — aquelle morgado para seu solar.

Como se vê da gravura a fachada principal é de ordem dorica. No corpo do centro, que é mais elevado, avulta o brazão d'armas do fundador. A outra frente, que deita para um vasto jardim, é de ordem toscana.

PALACIO DE BREJOEIRA

SANTOS DUMONT, AUCTOR DO BALÃO DIRIGIVEL

Internamente corresponde bem o edificio á sua magnificencia externa. A escada nobre é uma das melhores de Portugal. As salas são espaçosas e acham-se adornadas com bastante luxo e bom gosto.

A capella está decorada com muita riqueza e ostenta uma bella cupola.

Junto ao palacio ha uma grande quinta com bellos jardins, e compridas ruas, e vastas dependencias, sendo grandiosa a adega, que está dividida em tres naves sustentadas por columnas.

Extinctos os morgadios e vinculos pelo regimen liberal, forçoso foi desaccumular riquezas, mas não sendo todas de facil partilha, tem sido vulgar o vender-se bellas propriedades por valor infimo ou dispersarem-se, para nunca mais se reunirem, importantes obras d'arte.

É este caso o que se dá com o sumptuoso solar da Brejoeira e em geral se tem repetido por esse paiz fóra, sem que valham perante conveniencias economicas da nação, as lamentações dos que prestam culto ás tradicções e aos monumentos que as recordam.

O BALÃO DIRIGIVEL SANTOS DUMONT

Mais um passo se deu para a solução do mysterioso problema da direcção dos balões.

E o echo d'essas experiencias realisadas em França correu rapido por toda a parte dizendo o nome do inventor do novo aerostato. A navegação aeria, tão brilhantemente iniciada pelo padre portuguez Bartholomeu Lourenço de Gusmão em 1709 com a ascenção da sua celebre *Passarola*, parece que, por grata coincidencia, será se não posto em pratica decisiva pelo menos muito aperfeiçoado por um individuo em quem se estreitam as nacionalidades que mais teem contribuido para o estudo de tão interessante problema, registando-se tantas e tão variadas experiencias a partir da do celebre padre Gusmão até Cypriano Jardim e agora o sr. Santos-Dumont, na cidade de Paris, nos meados do mez findo e principios do corrente.

O balão «Santos-Dumont n.º 5», que primeiramente effectuou em dois dias a seguir a viagem de ida e volta do parque do Aero-Club em Saint-Cloud á torre Eiffel, é o quinto aerostato com que este talentoso engenheiro brazileiro de 28 annos de edade tem tentado resolver o problema da direcção dos balões.

Comprehendendo bem os serviços que os motores a petroleo, leves e potentes ao mesmo tempo, podiam prestar á aeronautica, não tardou o sr. Santos-Dumont em fazer com elles as suas tentativas. Assim, em 18 de setembro de 1898, lançava ao ar o «Santos-Dumont n.º 1», movido por um motor d'aquelle genero, e desde então não cessa de experimentar e aperfeiçoar o seu systema de navio aereo, cuja ultima expressão, o «Santos-Dumont n.º 5», realisou as viagens que tanta notoriedade deram ao illustrado engenheiro conseguindo attrahir sobre o seu nome as attenções scientificas da França e do estrangeiro.

Segundo se affirmou na nossa imprensa diaria, o sr. Santos-Dumont não é um desconhecido para Portugal e muito menos para o Porto, onde é muito querido e estimado por uma roda de amigos que seguem com o maior interesse os seus trabalhos e investigações.

Santos-Dumont é filho d'um opulento fazendeiro de café de S. Paulo, já fallecido, ancião muito illustrado e intelligente, que seguira o curso de pontes e de calçadas na escola de Paris.

Quatro irmãs de Santos-Dumont vivem no Porto, Foz do Douro, onde tambem parece que, em companhia d'uma das filhas, vive a mãe do aeronauta.

Tres d'aquellas senhoras casaram com os tres irmãos srs. Eduardo, Guilherme e Carlos Villares, da conhecida familia de industriaes tão estimada e respeitada no Porto, e a quarta com o sr. Ricardo Severo, o esclarecido fundador da bella revista ethnographica *Portugalia*.

Dá-se ainda a notavel coincidencia de que todos estes quatro cavalheiros são engenheiros civis, os tres primeiros pela escola de Syracusa, Estados-Unidos, e o ultimo pela academia Polytechnica do Porto, de que foi alumno distinctissimo.

Santos-Dumont acha-se, pois estreitamente aparentado com duas familias portuguezas e, assim, os seus triumphos já de si bastante interessantes, nos obrigam a prestar-lhe maior attenção.

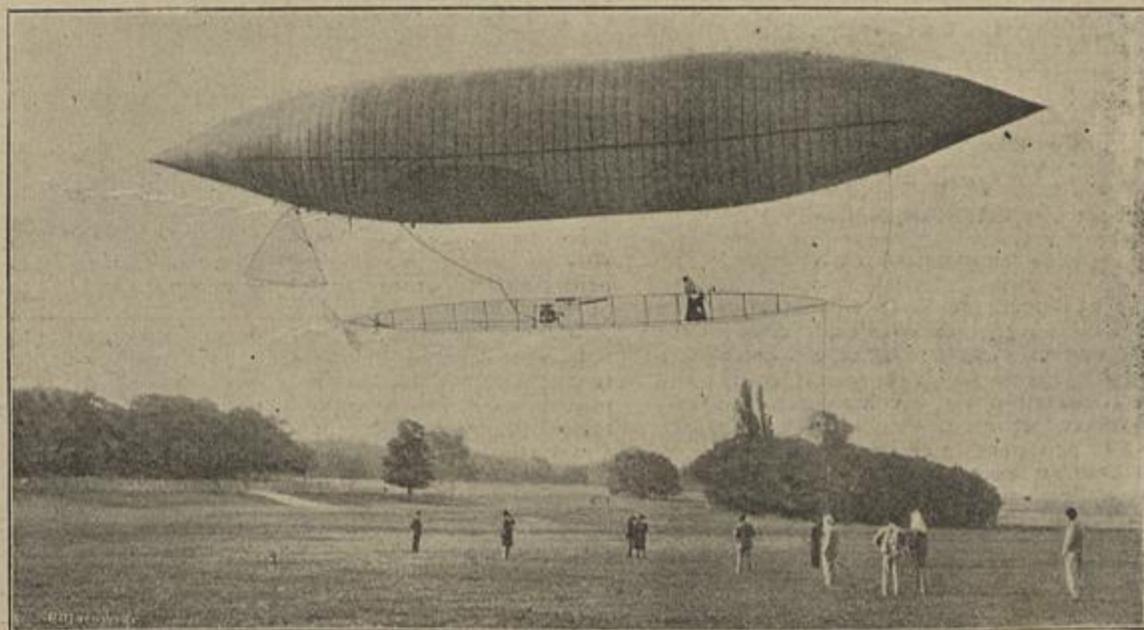
Como se vê da gravura que publicamos o «Santos-Dumont n.º 5» na sua parte de balão propriamente dito é formado por uma especie de cylindro de seda, terminando em dois cones, com o comprimento total de 34 metros e a capacidade de de 550 metros cubicos.

A uns dez metros abaixo está suspensa uma longa quilha cujo perfil tem muita analogia com o do balão, apresentando a mesma figura fusiforme mas mais pequena.

Na realidade a secção da quilha é triangular, e formada por tres compridas peças de madeira ligeiramente arqueadas e ligadas entre si por travessas, e em volta rodeadas de fio d'aço que assegura a rigidez do conjucto e impede a sua deformação.

Esta quilha supporta: um motor de quatro cylindros com 16 cavallos de força, o reservatorio para a essencia de petroleo, o eixo do helice, a barquinha de vime, em que o aeronauta tem á mão todos os seus apparelhos de manobra e uma certa provisão de lastro.

As disposições respectivas d'estes diversos agregados ou apprestos foram determinadas com muito cuidado e apoz demoradas experiencias, afim de que, uma vez tudo no seu logar e tendo em conta o proprio pezo do aeronauta, a quilha se mantivesse no necessario equilibrio, o que assegura não só a sua horizontalidade como uma egual tensão das cordas de suspensão. Estas condições explicam porque o logar do aeronauta é tão distante do motor.

A quilha é ligada directamente ao balão por um systema de cordas extremamente resistentes e não offerecendo nenhum impedimento ao vento: são cordas de piano, não tendo mais de 8 a 10 milimetros de diametro, de maneira que a 10 me-

O BALÃO DIRIGIVEL «SANTOS DUMONT» — EXPERIENCIAS EM LONGCHAMP, 12 DE JULHO DE 1901

tros do balão mal se distinguem e que n'uma photographia é impossivel conhecer.

O helice propulsor d'uns quatro metros é composto de dois ramos em madeira e aço cobertos de seda fortemente retezada, podendo attingir a velocidade de 150 voltas por minuto. O leme, tambem de seda, está collocado entre o balão e a quilha, seguro a uma das cordas de suspensão.

O balão é cheio com hydrogenio e, para que se mantenha constantemente a rigidez do envolucro, isto é, um enchimento perfeito, apezar das variações da pressão atmospherica, ha no interior um balão pequeno que serve de compensador, cheio d'ar e com enchimento automatico: um ventilador, movido pelo motor, que está ligado por um tubo a este outro balão, faz entrar n'elle constantemente o ar.

Emfim, pelo deslocamento de um apparelho especial suspenso por baixo da quilha e pezando 38 kilos se obtem a inclinação necessaria do systema em um sentido ou n'outro para effectuar os movimentos de ascenção ou descida.

Tal é nas suas linhas geraes o balão dirigivel em que o sr. Santos Dumont chegou a conciliar as duas cousas essenciaes para a solução do complexo problema da navegação aeria: a leveza e a solidez.

Em 12 de julho, depois de alguns ensaios particulares, o balão «Santos-Dumont n.º 5», subindo do parque aerostatico do Aero-Club, fazia algumas evoluções sobre o bosque de Bolonha, passava a Torre Eiffel e seguia além d'ella, quando, por um imprevisto desarranjo no motor, o aeronauta teve de rasgar o balão para descer, poisando sobre uma arvore da propriedade do sr. Edmund Rothschild.

A viagem, em logar de 30 minutos, durou 40 e esta differença fez com que o aeronauta perdesse o premio de 100:000 francos instituido pelo benemerito francez Henry Deutsch, com destino ao inventor de um balão dirigivel, e que o sr. Santos-Dumont esteve prestes a ganhar.

No dia 8 d'este mez realisou-se ainda mais uma experiencia que não teve boas consequencias para o audacioso aeronata e acabou pela destruição quasi completa do balão. Parece que a grande resistencia offerecida pela atmosphera em vista do veloz andamento do aerostato e a insufficiencia do funccionamento do balão compensador originaram o fracasso.

O balão grande, esvasiando-se a toda a força, veiu cahir n'uma das altas casas da Sociedade dos hoteis do Trocadero, d'onde com bastante difficuldade se salvou o inventor, valendo-lhe o seu extraordinario sangue-frio e a sua muita agilidade.

Assim teve fim o «Santos-Dumont N.º 5» mas não o tiveram as esperanças do illustre engenheiro que já tomou as suas disposições para que o «Santos-Dumont N.º 6» esteja prompto a funccionar antes de 15 de setembro proximo, dia em que termina o prazo para o concurso ao premio Deutsch.

O constructor do balão precedente, sr. H. Lachambre, já se comprometteu a construir um novo envolucro para o dia 1 de setembro, pelo preço de uns 6 a 7:000 francos.

Muito estimaremos que o perseverante aeronauta brazileiro tenha feliz e completo exito na sua nova tentativa

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE I

A meteorologia do globo terrestre

CAPITULO III

Thermometria

O poder illuminante dos diversos raios consiste na maior ou menor excitação que estes produzem no nervo optico. Para o Sol, o calor da parte luminosa é, apenas de $1/_3$, em relação ao da parte obscura. A atmosphera, envolucro gazoso da terra, absorvendo parte dos raios, torna-os incapazes de se perderem no espaço, depois de chegarem ao Sol o que mantem a temperatura do globo a um certo grau de calor moderado durante a noute, sem o que, apenas o Sol desapparecesse, esta soffreria um abaixamento brusco.

A quantidade de calor transmittida pelo Sol é variavel consoante a sua altura acima do horisonte.

Chamamos *horizonte*, á linha que indica o limite da vista do observador. A quantidade de calor absorvido pela atmosphera é egualmente variavel com a altura do Sol. É minima quando o Sol está no zenith, embora seja maxima a quantidade de calor transmittida.

Diz-se que o Sol está no *zenith* quando attinge a sua altura maxima.

Marcha annual da temperatura. São as estações, a causa principal da variação annual da temperatura.

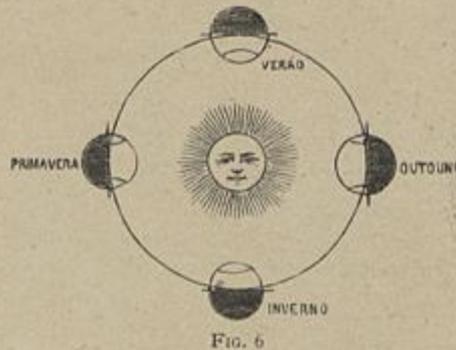



Fig. 6

São quatro as estações meteorologicas: inverno, (22 de Dezembro a 20 de Março), primavera, (20 de Março a 21 de Junho), verão (21 de Junho a 22 de Setembro) e outomno (22 de Setembro a 22 de Dezembro).

Em virtude do movimento de translação da Terra á roda do Sol, este não nos illumina diariamente durante o mesmo espaço de tempo, sendo esta duração, minima no inverno, e maxima no verão. Em Lisboa, nos dias minimos, o Sol nasce ás 7 horas e 30 minutos da manhã e põe-se ás 4 horas e 30 minutos da tarde, e nos maximos, nasce ás 4 horas e 30 minutos da manhã e põe-se ás 7 horas e 30 minutos da tarde. A differença da duração dos dias é pois, de 6 horas. Por este facto, a temperatura augmenta do inverno ao verão, e diminue durante o resto do anno.

A linha que o Sol parece descrever em relação ao eixo de rotação de qualquer planeta é a ecliptica. O angulo do plano da ecliptica com o eixo da Terra é de 23°,27'. Quando o Sol attinge essa altura acima do equador, diz-se que estamos nos solsticios. No nosso hemispherio, é o solsticio de verão, no hemispherio austral o solsticio de inverno. A palavra solsticio deriva do grego significando paragem do Sol, e com effeito, a partir d'este dia, o Sol, parando na sua marcha ascensional, tende de novo a approximar-se do equador, seguindo a ecliptica. Quando o Sol passa junto ao equador, diz-se que estamos nos equinoxios, palavra que significa que, n'essa occasião, os dias são eguaes ás noites.

Observando a fig. n.º 7, vemos que em duas posições extremas da orbita terrestre, os polos norte e sul, ora um, ora outro, viram a sua face para o Sol. São os solsticios. Para o hemispherio com a face virada para o Sol, é o verão, para o outro, o inverno.

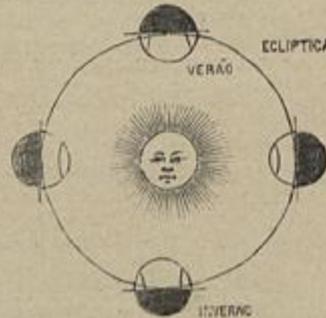



Fig. 7

Na mesma figura, notar se-ha que em outros dois pontos extremos, o plano do equador passa pelo Sol. São os equinoxios. As estações estão, pois, perfeitamente definidas.

Mas se a ecliptica, em relação ao eixo do planeta, fôr sómente inclinada de 3°, como em Jupiter, as estações confundem-se, visto que n'esse planeta, os dias são sempre quasi eguaes ás noites pelo facto do Sol se conservar sempre quasi á mesma altura.

Em Venus, onde o eixo do planeta é tangente ao plano da ecliptica durante os solsticios, as estações attingem o maximo do vigor. Não existem, ahi, os climas torridos e glaciaes, mas sim, um unico ao mesmo tempo torrido e glacial.

Eis a marcha da temperatura na terra e no nosso hemispherio durante o anno A partir de Janeiro a temperatura cresce, primeiro, de uma forma lenta, em seguida, rapidamente, em abril e maio, attingindo o maximo em principios de agosto. Então, começa baixando, primeiramente, de uma fórma insensivel, mais rapidamente em setembro e outubro, attingindo o minimo nos ultimos dias de dezembro.

O mesmo não se observa nas regiões proximas do equador, porque ahi os dias sendo quasi sempre eguaes ás noutes, as variações annuaes da temperatura, são insignificantissimas.

Em geral emquanto a Terra aquecer, durante o dia, mais do que resfriar de noute, a temperatura augmenta. A temperatura diminue logo que a terra perder mais quantidade de calor do que aquella que receber.

Marcha diurna da temperatura. Em geral, o minimo thermometrico observa se antes do nascer do Sol, e o maximo entre as duas e tres horas da tarde, mais cedo de inverno do que de verão. Emquanto o Sol está abaixo do horizonte, a temperatura tende a baixar. Apenas este nasce, a terra vae aquecendo, radiando a restante parte dos raios solares para os espaços celestes. Durante o dia, a terra recebendo maior porção de calor do que aquelle que perde, pela irradiação, a temperatura augmenta. Posto o Sol, o calor principia a diminuir até ao dia seguinte em que, de novo, o Sol apparecerá reproduzindo-se os factos de uma fórma analoga.

(Continúa) *Antonio A. O. Machado.*

UM SEGREDO DE MULHER

POR

Eugenio Bertrand

III

O gorducho descendo a rua Vivienne, sempre a pé, foi até aos boulevards, onde tomou uma carruagem.

Raul metteu-se n'um fiacre, que ia passando.

— Siga aquella carruagem, disse ao cocheiro, que chicoteou o cavallo e marchou na esteira do collega.

— O que é certo, monologava Raul, é que o meu amigo expansivo não é. Como conquistar-lhe a confiança?... Se o cavallo da carruagem em que vai tomasse o freio nos dentes, correria em soccorro d'elle com risco de vida, salvaria aquelle idiota, que me apertaria nos braços, e, em recompensa, me apresentaria a madame de Logel.

Mas nunca houve cavallo de fiacre que tomasse o freio nos dentes. A tipoia depoz seu conteudo sem avaria em frente do theatro da Porta de Saint-Martin.

— Olha! disse Guérac, vamos ao theatro!.. Com um calor d'estes!...

Com um calor ou sem elle, o sr. Gibson entrou no camaroteiro e pediu uma cadeira de orchestra.

Raul seguiu-lhe logo o exemplo.

Aconteceu que havia enchente e Guérac achou-se forçosamente longe da victima. Tratou logo de não a perder de vista, prompto a cahir sobre a preza, se esta tentasse fugir-lhe.

Injusta desconfiança! O homem do guarda chuva nem já se lembrava de Raul, enchendo com sua corpulencia toda a redondeza da cadeira. Com a bocca muito aberta e d'olhos esbogalhados, sanguineos, fitos no palco, debalde tentava perceber a peça.

Era uma magica com bailados, erriçada de trocadilhos estafados, e o publico deixava-se todo levar por uma formidavel hilaridade. Só o sr. Gibson é que não perdeu o seu serio. O dialogo, que alegrava o povo mais espirituoso do mundo, deixou-o a dez gráos abaixo de zero. Mas, quando as dançarinas surgiram de pé no ar, de braços em grinaldas e de sorriso postiço nas boccas pintadas, então o sr. Gibson aqueceu, exhumou das abas da sobrecasaca um binoculo monstruoso, limpou-lhe os vidros e deixou-se enlevar n'uma embriaguez parecida com a dos verdadeiros crentes ao avistarem o paraizo de Mafoma.

Mas tudo no mundo é fumo. A queda do panno roubou-lhe a radiante perspectiva das meias côr de carne. O homem estremeceu, assoprou como uma foca e saltou por cima das bancadas. Seguiu-o Raul de longe até ao café mais proximo, onde o sr. Gibson afogou a commoção n'uma garrafa de porto.

Assim se passou o primeiro intervallo. Mas em todos os outros foi a mesma manobra. O que o sr. Gibson fez foi variar de refrescos, adejando do punch para o bischoff e do grog para o vinho quente. Pelas onze horas a cara d'elle lembrava um incendio.

— Santo Deus! exclamou Raul assustado, contanto que lhe não dê alguma apoplexia antes de me apresentar a madame de Logel!

Mal acabava de proferir estas palavras, reparou que havia um logar vago ao pé do homem gordo e logo tratou de n'elle se incrustar.
Ao contacto do perseguidor, o sr. Gibson estremeceu do cume á base. Raul sentou-se muito socegadamente e pegou na historia no ponto exacto onde a interrompêra trez horas antes.
— Creio tel-o informado de que, não descobrindo quem me pudesse apresentar a madame de Logel, corri a casa d'ella para me apresentar a mim mesmo. Como era de esperar, não me quizeram receber. Escrevo. Nunca houve cartas, sem desfazer nas de Heloisa a Abeillard, mais incendiarias nem mais doidas. Como era de esperar, não obtiveram resposta. Remexi céos e terra, lancei mão de mil estratagemas, fantasiei milhares de combinações e nem sequer cheguei a despertar a curiosidade da minha inhumana. Em taes conjuncturas o amigo o que teria feito?
O sr. Gibson nem se moveu. Evidentemente nervoso, assestára o binoculo para as galerias.
— Seria decente, continuou Raul, mandar parar a carruagem no bosque ou forçar-lhe a porta do camarote dos Italianos e gritar-lhe: «Adoro-a, case comigo?» Seria inconvenientissimo. Porque ha de a minha sorte querer que a fosse todos os dias encontrar no theatro, na egreja, nas corridas, nos concertos? É já sem querer que a sigo por toda a parte; sou o negro, o cão, a sombra d'aquella senhora!... Mettido por entre a multidão, roubo-lhe impunemente imperceptiveis favores. Vinte vezes toquei levemente o seu vestido, aspirei o perfume de seus cabellos, bebi os raios de suas pupillas, banhei minha alma na neve de seus hombros nus: outros tantos venenos, caro sr. Gibson! Foi assim que de florescente e alegre que eu era dei em magro e melancolico; já dizem que faço versos; emfim tanto passeio debaixo das janellas de sua casa que me julgam meus amigos atacado de certa especie de alienação ainda não definida pela sciencia. Já lhe puzeram nome: a monomania da rua Saint-Honoré. Está-me ouvindo?
O sr. Gibson levou as mãos ás suissas e amarfanhou-as, raivoso.
—Ora eis aqui, concluiu Guérac, o bêcco sem sahida em que me acho mettido. Só o sr. me póde salvar. Conhece o meu idolo, porque ainda agora o cumprimentou e elle lh'o pagou com um signalzinho misterioso. Em nome do céo, seja meu salvador, meu confidente, meu appoio, meu pae!... Apresente-me a madame de Logel e creia que todo serei seu, eu, toda a minha gratidão, amizade, bens de fortuna e vida.
Se Raul houvesse falado chinez talvez se sahisse melhor.
A orchestra preludiava para o ultimo acto. O sr. Gibson sempre mudo como um peixe, mas comprimindo uma violenta colera, preparou o binoculo.
A persistencia do desdem irritou Guérac; tocou com o dedo no hombro do silencioso estrangeiro.
—Queira permittir-me pôl-o ao facto d'um certo pormenor que me parece ignorar: em França toda a pergunta delicada exige uma resposta.
D'essa vez o sr. Gibson poz finalmente ponto na mudez. Envolveu o adversario n'um olhar baço e respondeu com uma accentuação ingleza muito pronunciada:
—Tenho muita paciencia e julgo que já lh'o provei.
—Sim, sr. respondeu Guérac.
—Mas, continuou o homem do chapéo de chuva, previno-o de que vai abusando.
—Tal não era a minha tenção, disse Raul.
—Sou um homem honrado e um cidadão livre, continuou o sr. Gibson. Sou dos Estados Unidos da America e a sua policia nada tem que ver com os meus negocios.
—A policia!... repetiu Guérac.
—Silencio!... Sentados!... Ponham fóra o falador! uivou a platéa a uma só voz.
O panno ia levantar-se.
Guérac, obrigado a addiar para melhor momento as explicações, foi-se, mordendo o freio para um dos corredores de sahida. D'esse observatorio poz-se á espreita do sr. Gibson para lhe deitar as garras á sahida.
Mas no fim do espectaculo, por acaso ou premeditação, o americano safou-se pelo corredor opposto.
Guérac sentiu-se fulminado.
Entretanto deu ás pernas, empurrou, deu encontrões, poz em jogo os cotovêlos com tal superioridade, que furou por entre a multidão e achou-se, um dos primeiros, no peristylo.
Era tempo.
Por muito depressa que chegasse, já lá estava o sr. Gibson. Raul avistou-o já na calçada chamando um cocheiro.

Ora chovia a potes e nem meia carruagem disponivel no horizonte!
Que havia elle de fazer?... Seguir correndo era empreza de que só um galgo se sahiria honrosamente.—Já o coupé se punha em movimento! Com elle lhe desappareceria toda a esperança de se ver um dia apresentado a madame de Logel.
Teve então uma subita inspiração.
Saltou n'um pulo do passeio, agarrou se ao vehiculo, saltou-lhe para cima e á força arranjou logar ao lado do cocheiro.
Começou este reclamando; dez francos fizeram-o engolir as reclamações.
Sorriu-se discretamente e chicoteou as pilécas.

IV

Em tempos vulgares o poizo conquistado pelo Raul seria commodo e hygienico; mas para ali manter-se n'aquella noite precisava dispôr d'uma dóse pouco vulgar de perseverança.
As torrentes de chuva mudaram-se em verdadeiras cataractas.
Com um chapéo de oleado, aninhado n'um carrick de seis golas, com uma manta muito quente enrolada nas pernas, ria-se o cocheiro d'aquelle diluvio; Guérac só com uma sobrecasaquinha muito leve e de calça branca muito fina ficou encharcado até á medula dos osssos.
N'um abrir e fechar d'olhos, encheram-se lhe d'agua as botas, a camisa pegou-se-lhe á pelle, a gravata distingiu na camisa, e o chapéo de abas amollecidas transformadas em biqueiras iam-lhe entornando no pescoço um rio inexgotavel.
Mentalmente offereceu o seu soffrer á dama dos seus pensamentos; depois aconchegou-se na lembrança de que a prova seria de curta dura, que uma vez achada a rua e o numero do americano, teria toda a facilidade em dirigir-se para o seu domicilio, limpar-se em frente d'um bom lume e saborear as delicias d'uma casa cuidadosamente aquecida.
Entretanto, ia a carruagem rodando na direcção da Magdalena. A paizagem era falha de alegria. Um céo de carvão esmagava os telhados silenciosos e os bicos de gaz faziam dançar seus reflexos sobre o asphalto deserto e a escorrer. Cada giro da roda atirava ao flanco de Raul uma amostra do macadam; cada litro de chuva produzia-lhe um espilro convulso; finalmente o cocheiro, que combatia a humidade por meio d'um cachimbinho curto, bafejava-lhe o rosto com baforadas acres e nauseabundas.
Felizmente o coupé parou á esquina da rua Laffite e do boulevard dos Italianos.
Guérac saltou da almofada com um sentimento não equivoco de satisfação.
—Obrigado, meu Deus! exclamou. Até que vou saber onde mora o meu amigo!
Emquanto Guérac se sacudia, o sr. Gibson desceu da carruagem, alongou o torse enorme, abriu o enorme guarda-chuva, deu uns passos, voltou á esquerda e subiu tranquillamente a escada da Maison-Dorée.
Raul deu um grito de raiva.
Pois aquelle comilão infatigavel ainda iria comer!
Então Raul, com os dentes a tremer de raiva e de frio, esteve vai não vai para abandonar a victima.
Mas um relampago da memoria pintou lhe os olhos lindos de madame de Logel, a mão divina, o pésinho de criança, e sobretudo o sorriso inebriante, o sorriso maravilhoso e nacarado.
Se abandonasse a partida, que probabilidades tinha de ser dono de taes thesoiros?
O infeliz resignou-se e procurou onde acoitar-se.
Busca difficil na verdade. Era-lhe impossivel buscar guarida no restaurante ou em qualquer café. O estado em que trazia o fato atrahiria-lhe muitos olhares, que lhe seriam insupportaveis.
Os portões estavam todos fechados.
Depois d'uma hesitação, Guérac abriu muito devagarinho a portinhola do coupé do adversario.
Metteu-se lá dentro, puxou as vidraças, metteu os dedos azues de frio pelas algibeiras humidas, e, furioso, enregelado, constipado, tiritando, aconchegou-se o melhor que soube.
Assim se passou certo espaço de tempo. Pouco a pouco o calor do corpo foi lhe seccando o fato d'onde se erguia nm espesso nevoeiro. Raul fumegou como uma acha de lenha verde e adormeceu na humida temperatura.
Quando o sr. Gibson reappareceu no limiar da Maison d'Or batiam differentes relogios duas horas.
Parára a chuva; um vento fresco espalhava as nuvens, a lua tremeluzia nos telhados humidos e marchetava com centelhas vivas os metaes das portas das lojas.
Enganado por esses pontos luminosos, o sr. Gibson avançou descrevendo oitos e zig-zagues para o que elle julgava ser uma ou muitas vélas. O respeitavel sujeito que tinha absorvido tanto liquido quanto cabe n'um americano de quarenta e cinco annos, encostou a ponta do charuto apagado n'uma haste de ferro mais illuminado e poz-se a aspirar fumaças fantasticas.
O passa-tempo tinha sua monotomia, mas n'isso passára o resto da noite, se as pragas que rogava não houvessem perturbado os sonhos do cocheiro.
Ouvindo a grasnada do sr. Gibson, abriu um olho, praguejou tambem, atirou os punhos ao ar, interrogou as trevas, atirou-se ao freguez e ora a bem, ora a mal, trouxe-o até junto da carruagem.
— Élá! Eh! patrão, que é isso? Uma pandigasinha, hein? E eu que me amole! E'lá! Eh!... Então para onde vamos?
Este modo de falar a cavalgaduras, acompanhado por fortes empurrões, produziu certa impressão no homem dos suissas.
Depois de prodigiosos esforços de concepção, lá poude, com voz entaramelada, indicar o hotel do Mississipi na praça Lafayette
Atirado para o fundo do coupé, cahiu sobre Raul, que sonhava com madame de Logel.
Assim de subito esborrachado, exhalou um gemido lamentoso e empurrou o peso que o esmagava; mas logo lhe voltou a presença de espirito e os clamores sumiram-se n'um silencio cheio de confusão. Não tinha elle effectivamente andado fóra de todo o direito apossando-se da carruagem alheia? Se o sr. Gibson, sommasse mais este escandalo aos aborrecimentos que Guérac já lhe déra, não seria de temer que a palestra degenerasse em pancadaria basta?
— Queira desculpar, balbuciou Raul timidamente; mas cá estou outra vez.
Moita.
— Cá estou outra vez, repetiu Guérac animado por tanta mansidão. Mas não se exalte, não é com más tenções, pelo contrario. — Se quizer conceder-me uns minutos, verá...
Cortou-lhe a fraze ao meio um ressonar sonoro.
O sr. Gibson adormecêra distillando vapores de vinho e de aguardente. Guérac não se atreveu a arrancal-o ao descanço; preferiu suster-lhe a cabeça e não foi pequena expiação de seus peccados.
Ia ruminando um plano de evasão, quando a horrivel viagem chegou ao termo.
O cocheiro parou em frente do hotel do Mississipi, apeou-se e tocou á campainha.
Abriu-se o postigo. Um homem todo despenteado e em mangas de camisa appareceu com uma véla na mão.
— Que é? rosnou.
— Um bebado, replicou friamente o cocheiro.
— E' o diabo do americano!
— Não sei! — Vá! Oh!... Venha ver se o conhece.
O homem despertando chegou com a lanterna.
O sr. Gibson mexeu-se, pescou os olhos e mermurou:
— Francisco, fecha as portas e abre uma garrafa!
E tornou a adormecer.
— Veja lá, disse o cocheiro. O homem é ou não é seu hospede?
— Se é! respondeu o Francisco. E até já me conheceu. Este burro do Gibson em voltando é sempre como um cacho. Diabos o levem!
— Veja lá se elle o ouve.
— Elle! Isso sim! E' surdo como uma porta!
— Surdo! repetiu Raul para quem a palavra foi uma revelação. Surdo! Mas então não percebeu nada do que lhe estive a dizer!... Toca a recomeçar!
— Vamos! Eh!... O' freguez!... Eh! berrava o cocheiro, a puxar pelas pernas do bebado. Mais vale cosel-a em valle de lençoes... Eh! vai!
As interjeições equestres não lograram exito. O sr. Gibson nem se moveu. O ar livre déra cabo d'elle.
O moço do hotel puxou-o pelas pernas sem mais cerimonias e extirpou o difficultosamente da carruagem.
— Olha! são dois! exclamou.
— Dois bebados? disse o cocheiro. Isso é que é extraordinario, que eu não metti cá senão um. O quê! E' o sr.!... ajuntou, dando com Guérac.
— Sou eu, sou, disse o Raul atrapalhado. Este meu amigo estava assim adoentado, não quiz deixal-o.
— Ah! Elle é seu amigo? disse o Francisco, que procurava suster em pé o sr. Gibson de encontro á parede. Pois, visto que elle é seu amigo

veja se lhe põe um calço, que eu não estou para mais.

Com effeito o sr. Gibson mostrava notavel tendencia para se estatelar na lama. Raul, para justificar o papel que assumira, fez das fraquezas forças e procurou sustel-o de pé, entre si, perguntando em todos os tons:

— Mas que demonio de relações pode uma senhora como madame de Logel ter com um figurão d'estes, immundo?

— O caso agora é outro, disse o cocheiro. E quem é que me paga?

— Eu, respondeu o criado.

— Temos então duas horas e meia. Sete francos e cincoenta mais a gorgeta. E não me seja sovina, visto que lhe não custa nada. Conte-lhe quatro horas, se quizer.

O Francisco sorriu e pagou.

— Espere, disse Guérac sempre esmagado pelo peso do americano. O' cocheiro, eu tomo-o.

— Canta para ahi! disse o cocheiro. Tenho as bestas estafadinhas e eu estou como ellas. Hoje nem por cem libras!

— E' o que vamos ver, grande maroto!

— Está visto e mais que visto!... Eh!

E chicoteando as pilécas, afastou-se a trote, apesar das imprecações de Raul.

(Continúa).

NECROLOGIA

O BARÃO
ADOLPHO NORDENSKIOLD

O BARÃO ADOLPHO NORDENSKIOLD
FALLECIDO EM 13 DO CORRENTE

Com 69 annos de edade falleceu no dia 13 de agosto corrente em Stockholmo o barão Adolpho Nordenskiold, o celebre descobridor da passagem do nordeste e explorador da região do polo arctico. Medico distincto, versado em todos os ramos da sciencia humana, botanico profundo, zoologo de valor, meteorologista consummado, insigne marinheiro, ligou elle o seu nome indissoluvelmente á historia das tentativas para descobrir o polo norte.

Tendo exposto publicamente o seu projecto de descobrir a famosa passagem do nordeste, conseguiu reunir os capitaes precisos para armar o *Vega*, navio a vapor de tres mastros, com que tentou a arriscada empreza.

Ao sr. Oscar Dickson, de Gothenburgo (Noruega) que comprou o *Vega*, associou-se o sr. Sibiriakoff, negociante de trigo de S. Petersburgo, e aos recursos dos dois arrojados capitalistas juntou o governo sueco um subsidio importante.

O descobrimento da passagem do nordeste interessava poderosamente todo o mundo scientifico e commercial, porque, como é sabido, não se podia ir da Europa ao Pacifico, quer por leste quer por oeste, sem ir procurar ao sul, no Atlantico, os cabos da Boa Esperança, ou o de Horn, pois que o canal de Suez ainda não existia.

E' certo que depois a importancia do descobrimento da passagem diminuiu muito mas não desappareceu por completo.

Conhecida melhor a Azia, a extensão e importancia dos rios que ali correm para norte e a extensão e recursos das suas bacias hydrographicas, vê-se que o problema commercial consistia menos em fazer communicar pelos mares do norte a Europa com a America, do que em definir as relações regulares dos rios da Siberia, d'um lado com o Atlantico, do outro com o Pacifico, pondo assim em consumo de populações numerosas os productos agricolas e mineiros da Azia, e levando até ao centro d'esta os artefactos das industrias adiantadas e os poderosos meios do trabalho moderno.

Foi principalmente com este intuito, e praticamente dentro d'estes limites, que a viagem de Nordenskiold foi organisada.

E' evidente que além de tudo isto a existencia d'uma passagem navegavel a nordeste para a America nunca deixou de ser um importante problema geographico, como eram do mais alto interesse scientifico todas as observações, todos os mineraes e todos os organismos que, em viagem por tão desconhecidas regiões, se pudessem colher.

Commandava o *Vega* Luiz Palander, tendo por immediatos os tenentes Brusewitz (sueco) e Hovgaard (dinamarquez).

A commissão scientifica presidida por Nordenskiold, que especialmente se occupou de mineralogia e anthropologia, compunha-se de varios sabios naturalistas a quem foram distribuidas as observações conforme as suas especialidades.

O *Vega* partiu de Gothenburgo, ao sul da Noruega, em 14 de junho de 1879. Fez rumo ao polo, dobrou o cabo Norte e costeou com facilidade a costa septentrional da Europa e da Azia, chegando, depois de uma feliz travessia, ao estreito de Behring, onde invernou, podendo alfim libertar-se dos gelos que cercavam o barco e regressar á Europa, onde foi recebido com os maiores applausos e acclamações. A passagem do nordeste estava descoberta.

De volta da sua viagem, Nordenskiold veiu ao Tejo, publicando por essa occasião o OCCIDENTE uma desenvolvida noticia da expedição, illustrada com diversas vistas e um mappa.

O rei Oscar concedera a Nordenskiold uma grande pensão e o titulo de barão em vida. Com a morte do notavel explorador desappareceu do numero dos vivos aquelle que alcançou pela primeira vez o 84.º parallelo septentrional, latitude só excedida ha dois annos pelo duque dos Abruzzos a bordo do *Stella Polare*.

Registando o fallecimento do illustre sabio e explorador, remataremos reproduzindo o seu retrato feito por um portuguez, e nosso collaborador, sr. E. Lima de Barros, que o conheceu, e que é o auctor da circumstanciada noticia da viagem acima referida:

«Era elle então um homem de notavel expressão de physionomia, a um tempo profundamente serena, bondosa, paciente, determinada e forte. Quando cumprimentava curvava-se muito e fechava inteiramente os olhos com um ar adormecido e humilde; mas, quando falava nos seus planos e nos seus trabalhos, tinha nos olhos bem abertos, claro e visionarios, uma luz energica, decidida e orgulhosa».